

GRÁTIS Suplemento de prendas de Natal

SEMANAL
www.visaonline.pt

N.º 665 • 1 A 7 DEZEMBRO 2005

PORTUGAL €2,75

+92
páginas



VISÃO



**A história do líder
carismático, 25 anos
depois da sua morte.
As marcas que deixou
no PSD e na sociedade
portuguesa**

Sá Carneiro **O MITO**

Viagens

**CADA DEPUTADO GASTA
AO ESTADO €950/MÊS**

Comportamento

**SOLTEIROS
POR OPÇÃO**

**VISÃO
JÚNIOR**

**POR +
€1,50**

• Oferta de um calendário de Natal



MEMÓRIA

SÁ CARNEIRO,



Numa tempestuosa noite de Dezembro de 1980, morria um primeiro-ministro – e nascia um mito. O desastre de avião, em circunstâncias misteriosas (atentado ou acidente?), apanhou o fundador do PPD/PSD no auge da sua vida política. Sá Carneiro e a mulher que amava, Snu Abecassis, morreram abraçados. E a aura romântica contribuiu para lhe conferir dimensões de ícone intemporal. Memória de um *Inverno quente*

A VIDA E O MITO

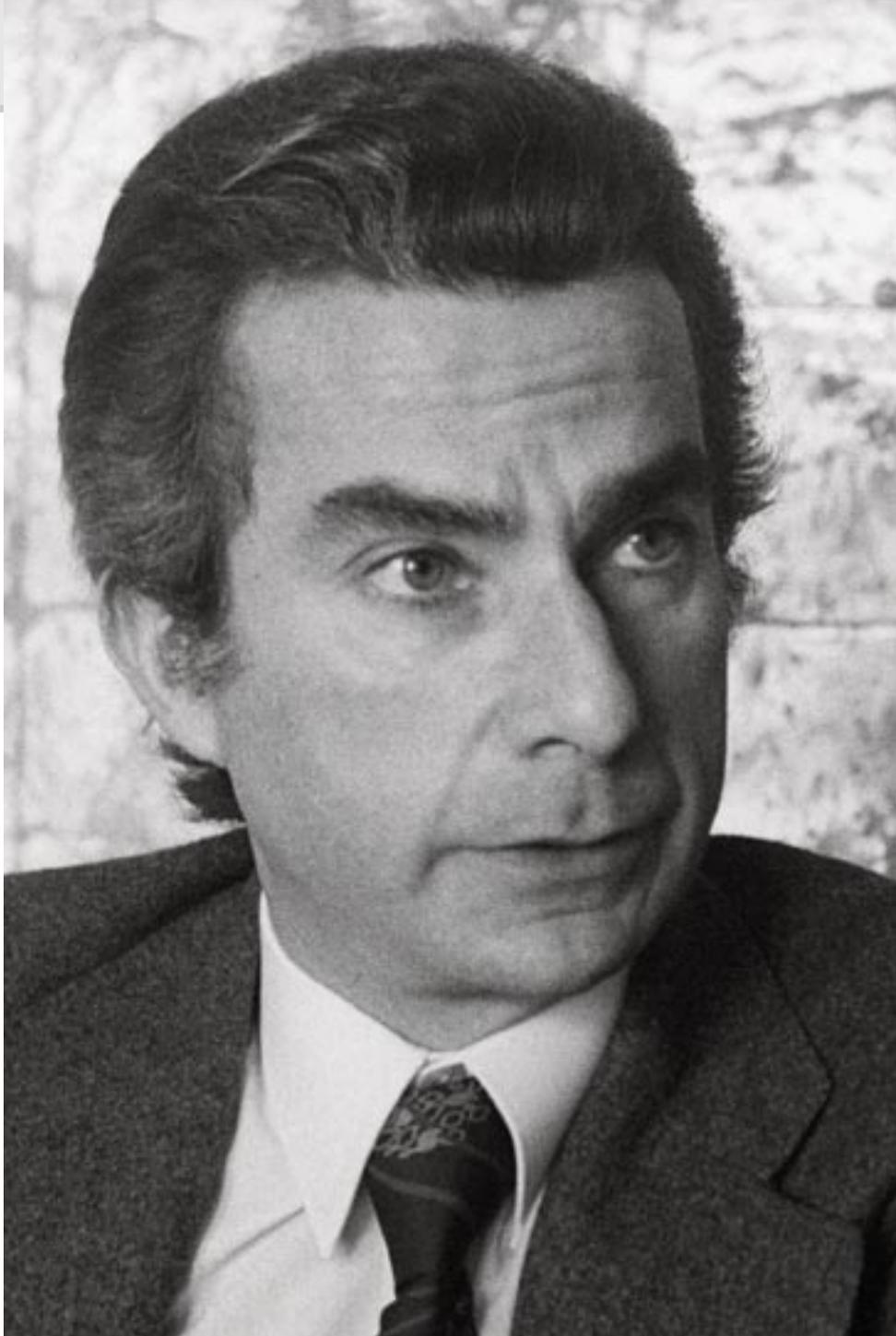


SÁ CARNEIRO ENTRE CEIFEIRAS
Tinha uma simpatia natural, o seu
contacto popular nunca foi forçado

ANA MARGARIDA DE CARVALHO

Final de feira, legumes baratos, meninos mulatos enrolam nos trapos os restos dos pratos que o dia-a-dia deixou pelo chão...» E estavam os portugueses postos em sossego, já de ouvidos prontos a acolher o genérico da *Dona Xepa*, já a antecipar os infortúnios da velha feirante e seus filhos ingratos que o episódio daquela noite lhes reservava, quando Raul Durão lhes irrompeu pela novela adentro. E não era de ânimo leve que, nessa altura, alguém se intrometia entre os 80% de espectadores e o seu programa favorito. Está bem que se vivia a contagem decrescente de uma campanha presidencial encarniçada, entre dois sisudos generais, Soares Carneiro e Ramalho Eanes. Está bem que do ciclone revolucionário ainda sopravam algumas brisas. Mas, em 1980, a novela era sagrada. E o pior é que o semblante do locutor fazia prever «notícia ruim», como dizia a música de Maria Creuza que costumava acompanhar os prolongados beijos do enredo.

E eis o que os espectadores nessa noite de 4 de Dezembro não viram: a terra a tremer nos estúdios do Lumiar; correrias pelos corredores; grande nervosismo; as certezas que não chegavam; hesitações; interromper ou não a novela antes da confirmação oficial?; a direcção a reunir à pressão para redigir, «com pinças», um comunicado; um interlúdio musical para ganhar tempo; Raul Durão a tentar arranjar uma gravata para ir dar a má notícia ao País. «Não fui a tempo, já estava no ar, desengravatado, a ler aquele comunicado bombástico», lembra. Eram 21 e 29, exactamente 73 minutos depois de o bimotor Cessna C421 se ter despenhado, em Camarate. A bordo seguiam sete pessoas que não sobreviveram. Entre eles o primeiro-ministro, Francisco Sá Carneiro. Raul Durão deu a notícia de chofre, sem rodeios. «Achámos que a mensagem devia ser sintética, compacta, sem qualquer possibilidade de admitir dúvidas.» A seguir haveria de entrar em estúdio Freitas do Amaral, o vice primeiro-ministro e líder do CDS, o segundo partido da coligação AD (Aliança Democrática). De olhar



IRREVERENTE Ousou desafiar o *status quo* marcelista. Mais tarde, os valores do casamento

inquietante, Freitas tenta aquietar o País, apressando-se a dar a versão de acidente e a negar a de atentado. Muitas versões, inquéritos, milhares de páginas, comissões, conjecturas depois, as dúvidas retroactivas foram as únicas sobreviventes da tragédia.

Fumos de santidade

«As pessoas gostam dos mortos porque eles não mudam», já disse a escritora Agustina Bessa-Luís. O fim de Sá Carneiro reúne os condimentos certos: uma morte em circunstâncias

trágicas, misteriosas; um homem praticamente no auge da idade (46 anos) e do poder (menos de um ano à frente do Governo); e mesmo o final infeliz de uma *love story*, muito à Casa-blanca. Snu Abecassis acompanhava o homem com quem não era casada... Até que a morte os separou.

«Uma morte nestas circunstâncias é sempre em fumos de santidade», comenta o historiador Fernando Rosas. Mas a aura do político já vinha muito detrás. Quando ousou desafiar o *status quo* marcelista, na ala liberal

da Assembleia Nacional. Ou quando enfrentou as suas próprias convenções – morais e religiosas – para viver com a mulher que amava. Ele era assim: antes quebrava que torcia. Jogava no tudo ou nada. «Não o considero um grande homem de Estado que vá figurar nas galerias da História. Mas é indubitavelmente o grande líder da direita unificada [AD]. Depois do grande susto da revolução – o maior da história da direita –, é Sá Carneiro quem a unifica e a conduz à vitória eleitoral [47,1%] e novamente ao poder. A direita nunca o esquecerá.», acrescenta o historiador.

Nos 11 meses em que foi primeiro-ministro (VI Governo Constitucional), Sá Carneiro contribuiu para eliminar o Conselho da Revolução, para expurgar da Constituição os laivos mais socializantes, para aproximar Portugal da Europa, para atacar os dois baluartes do PREC – a Reforma Agrária e as nacionalizações. «Uma maioria, um governo, um Presidente» – era a ideia fixa que lhe esporeava o espírito. Conseguiu a maioria absoluta na Assembleia, através da coligação PPD, CDS e PPM, faltava-lhe o presidente para concretizar o monopólio dos órgãos de soberania. Por isso, era tão decisiva a campanha presidencial que decorria em Dezembro de 1980. Chegou a hipotecar a sua permanência no Governo à vitória de Soares Carneiro. Mais uma vez jogava no tudo ou nada. Viveu os últimos dias de campanha em contra-relógio, até à última: morre a caminho de um comício no Porto, já presentindo as fracas hipotese da vitória do seu candidato.

A tragédia, em vésperas eleitorais, deixa transido o País. Gera-se a história, lançam-se acusações. Vinte e quatro horas antes de se abrirem as urnas, em pleno dia de reflexão, um gigantesco cortejo atravessa Lisboa, entre os Jerónimos e o Alto de São João. Com quatro postos de reportagem, a RTP faz a sua maior emissão em directo de sempre, muito mais aparatosa do que o funeral de Salazar ou do que a inauguração da Ponte sobre o Tejo: sete horas a transmitir um funeral que se tornou manifestação partidária.

De funeral a manif

Os locutores dizem as palavras de circunstância, elaboram discursos monótonos, redundantes, à espera de o cortejo passar. «Durante a primeira hora e um quarto de transmissão, gera-se uma espécie de vazio... Os jornalistas têm uma imensa dificuldade em manter um discurso lógico, estão embaraçados, passam a emissão uns para os outros ...», analisa Mário Mesquita, professor universitário que fez

desta transmissão *sui generis* objecto de estudo. E enquanto as palavras jornalísticas são mais ou menos clássicas e inócuas, as câmaras fixam bandeiras da AD e captam *slogans* partidários. «Houve uma tentativa de influenciar o eleitorado do dia seguinte. Se queriam eternizar o estadista e conferir-lhe um prestígio nacional e suprapartidário, o cortejo não deveria ter ganho o cunho de luta partidária. Isso produziu um efeito galvanizador e mobilizador, mas, por outro lado, reduziu o âmbito nacional da cerimónia. Se o objectivo era firmar na memória colectiva o primeiro herói da democracia, teria sido mais conseguido se se tivesse distanciado o funeral da imagem partidária, estabelecendo uma distinção entre os objectivos a longo e o curto prazo, que eram os eleitorais», continua.

Nos televisores, os primeiros já a cores, o efeito daquela massa em choque a atravessar Lisboa é esmagador. Conjectura-se que as forças da Aliança em desfile pela capital terão contribuído para reduzir a abstenção. Muita

da esquerda que não se revia em Eanes, uma figura do 25 de Novembro, ter-se-á mobilizado face à demonstração de força dos apoiantes de Soares Carneiro. Outros, julgam que a votação da direita terá saído reforçada, em sinal de homenagem a Sá Carneiro.

António Costa Pinto, investigador do Instituto de Ciências Sociais, não considera possível traçar cenários eleitorais, se,

porventura, Sá Carneiro não tivesse embarcado naquele avião: «Não foram feitos estudos de opinião. Em princípio, Eanes, tal como se previa, teria ganho. Aliás, estabeleceu-se a regra *a posteriori* que determina a reeleição dos presidentes. Não me parece que se tenha gerado o fenómeno hoje designado por 'efeito bombas em Madrid'.» E acrescenta: «Mais relevante do que os danos causados pela morte de Sá Carneiro para a reeleição do presidente [com 56,5% dos votos], terá sido a atitude de Soares em não querer apoiar Eanes [ironicamente secun- ▶

FOTOGRAFIA DE INI LUDGERO



NA ASSEMBLEIA NACIONAL

Ele foi um dos mais aguerridos deputados da Ala Liberal, contra Marcello Caetano

TOMADA DE POSSE

Com o Presidente Ramalho Eanes. Depois, veio a ruptura



INACIO LUDGERO

▶ SÁ CARNEIRO, A VIDA E O MITO

dado por Manuel Alegre] entrando, assim, em rota de colisão com o PS».

Nesse tempo o antieanismo unia os dois líderes partidários. Não lhes agradava o pendor fortemente presidencialista com que o general de Alcains geriu o primeiro mandato, interpretando de uma forma bastante ampla os seus poderes.

Um dia, Soares cruzou-se com Sá Carneiro, nos Passos Perdidos da Assembleia. O líder da AD estava eufórico: «Você acaba de fazer uma coisa extraordinária ao retirar a confiança ao general Eanes. Agora, estou seguro de que o nosso candidato vai ganhar.» Mas a lucidez de Soares sobreveio: «Desiluda-se. O eleitorado socialista vai votar Eanes. Joga aí um reflexo de esquerda, que as circunstâncias e a habilidade de alguns estão a alimentar sabiamente. O seu candidato não vai ganhar.»

«O funeral tornou-se uma escandalosa exploração da morte», defende Fernando Rosas. Isso não terá pesado nas urnas. Soares Carneiro era um candidato condenado à partida. Um eleitorado tão recentemente estreado na democracia, ainda cheio de ímpetos revolucionários, não tolerava bem um homem conotado com a extrema-direita, ex-director do campo de concentração de São Nicolau, em Angola. «Era um muito mau candidato. Foi um grande erro», continua.

Político profissional

Mas o que levou naquele dia multidões em lágrimas para as ruas? O que é que tinha de tão especial aquele homem de 1,64 metros e nariz desafiadoramente aquilino? Sá Carneiro não foi só o pai fundador (numa estratégia concertada com Pinto Balsemão) do partido, o seu militante número 1. Ele é o líder que, em dois anos de existência, transforma o PPD/PSD no segundo maior partido do País. «Foi um político que se profissionalizou, com propensão de forte autoridade dentro do seu próprio núcleo.»

Para a amiga Maria João Sande Lemos, toda aquela grandiosa manifes-

tação popular de desgosto tem uma explicação: «O carisma pessoal de Sá Carneiro, o seu olhar transparente, a empatia que ele criava com as multidões que lhe reconheciam a grandeza da alma. Ele falava durante uma hora e as pessoas nem se mexiam.»

Sá Carneiro sabe, de facto, dar-se ao respeito. É imune a intrigas, pequenas conjuras e *política de corredor*. Resiste incólume ao fogo amigo que recebe pelas costas. Ao fim de um internamento prolongado em Inglaterra, por complicações graves de saúde, os por-



COM SOARES CARNEIRO Candidato da AD foi derrotado



CAMARATE Os destroços do Cessna no qual morreram sete pessoas, incluindo Sá Carneiro e Snu

tugueses vêem-no regressar com um colar ortopédico, de bengala e uma mão napoleonicamente entalada entre dois botões do casaco. Vinha para segurar as rédeas da liderança. A dor habitava-o, a saúde débil diminuía-o, mas raramente se queixava. Não fazia o seu género. «Um acidente grave de automóvel, que teve como consequência retirarem-lhe o baço, o ter visto, então, a morte de muito perto, deram-

lhe uma serenidade grande e uma coragem ainda maior. Sabia hierarquizar a importância das coisas e das pessoas. Não se deixava impressionar ou excitar, media as consequências, não corria a foguetes. E não tinha medo», testemunhou Pinto Balsemão numa conferência organizada pelo Instituto Francisco Sá Carneiro, a assinalar os 20 anos do seu desaparecimento. «Mas, por outro lado, tinha pressa.

D.R.

INACIO LUDGERO

FERNANDO RICARDO

EM VIAGEM Foi num avião parecido com este que o líder da AD acabou por morrer, nas vésperas das eleições presidenciais de 1980



JOAQUIM LOBO



AMARO DA COSTA Também seguia no avião

Não gostava de se atrasar no tempo político; pelo contrário, sabia que a antecipação era importante, que o efeito surpresa contava. Nesse sentido não foi um homem só, mas foi sempre um cavaleiro solitário.»

Não gostava de ser contrariado, queria ter sempre razão. Sobretudo não gostava de perder – primeiro as causas jurídicas no tribunal, mais tarde as políticas. Preferia tomar as decisões

sozinho, e publicá-las depois. Os adversários admiram-lhe a intuição, o sentido táctico, os golpes de asa, as jogadas de antecipação, mas muitos não aguentam a pedalada do seu poder de antevisão. Disciplinado, saía de casa pelas 9 da manhã, já com os jornais lidos. Nos conselhos partidários, era invariavelmente o primeiro a chegar. Instalava-se no seu lugar, e esperava pelos outros. Mas nunca fazia reparos. Nas reuniões dos conselhos de ministros exigia solenidade: «Aqui não há Antónios, Joaquins nem Josés, aqui há ministros e primeiro-ministro e não há diálogo entre ministros, há diálogo com o primeiro-ministro. Cavaco Silva *copiou-lhe* o estilo.

Quando estava em público, era raro apanhá-lo relaxado, descontraído. Falava lenta, pausadamente, mas sentia-se-lhe a tensão interior. Em privado, os amigos recordam-no a fumar os seus cigarros Gitanes ou charutos Davidoff, salientam a sua afabilidade, o seu gosto por pintura. «Ele era do Porto mas não tinha sotaque nenhum nem sentimentos regionalistas. Estava à vontade em Lisboa, em Paris, em qual-

quer parte do mundo. Em suma era um português», comenta um amigo.

Às vezes comovia-se com pequenas coisas. Maria João Sande Lemos recorda um episódio que o deixou emocionado. À beira de uma piscina, no clube de golfe da Carregueira, um adolescente mongolóide acercou-se dele e disse-lhe: «Eu também me chamo Francisco.» Confidenciou depois: «Foi o maior elogio que me podiam ter feito.»

Dos altares às tribunas

No país fossilizado e pasmamento do Estado Novo, Sá Carneiro advogava pacatamente no Porto. Comungava todos os domingos e convivia nos ambientes mais beatos e conservadores do Norte, enquanto, na Europa, os jovens de 68 se sublevavam contra o sistema. Não se metia em política. Até que a política veio meter-se com ele. Um dia, escreveu a Marcello Caetano a pedir o regresso do exílio do bispo do Porto. Foi a sua primeira intervenção política. E foi assim, pelos altares, que chegou às tribunas.

Numa demonstração de aparente condescendência, o presidente do ▶

► SÁ CARNEIRO, A VIDA E O MITO

Conselho convida aquele jovem advogado para deputado. Francisco aceita. Vem para Lisboa carregado de boas intenções, com a ideia de que pode mudar o regime por dentro. Achava que a democracia podia bater delicadamente à porta do Estado Novo, sem ter de entrar de rompante. Junta-se ao grupo de 20 deputados em dissonância com a linha salazarista, a que se convencionou chamar a ala liberal. Num hemiciclo hostil, ousa tocar nos temas tabus do regime: pede o restabelecimento de liberdades e garantias, a liberdade de expressão, a autodeterminação para os povos das colónias... José Pires, que na altura dirigia os

de que fora vítima. Sá Carneiro ficou consternado, haveria de instaurar um inquérito que não deu em nada. Depois do 25 de Abril, José Pedro voltou a encontrar Sá Carneiro na AR. «Nunca falámos sobre isso, eu estava na bancada do PCP, o ambiente era crispado...»

Portuense conhece dinamarquesa

Entre o deputado e o funcionário Pires nasceu uma cumplicidade. Era ele quem enviava para a imprensa as comunicações de Sá Carneiro. Também a sua declaração de renúncia ao mandato, em 1973, assim que percebeu que estavam definitivamente murchas as flores da primavera marcelista.

Com a revolução, Francisco rumou à capital. Depois, vem a história clássica

dado alguma autenticidade.

No último ano Sá Carneiro corre. Arranja tempo para ir ao cinema. Vai ver o *Star Wars* e *Manhattan*. Gosta do segundo, nem por isso do primeiro. Dois desapontamentos desassossegam-lhe o início da campanha. O primeiro foi o seu ministro das Finanças, Cavaco Silva, ter anunciado, na pior das alturas, a sua intenção de se demitir, invocando cansaço. Horas de conversa depois, Sá Carneiro consegue demovê-lo. A segunda foi a desmobilização de Helena Roseta. E essa estava irredutível em não apoiar aquele candidato.

O unificador da direita aposta tudo naqueles últimos dias, a sua vida está cronometrada ao segundo. Tem ur-

INÁCIO LUDGERO



DESFILE DA AD Reconhecem-se, entre outros, além de Sá Carneiro, Basílio Horta, Freitas do Amaral, Gonçalo Ribeiro Telles, Francisco Sousa Tavares, Pedro Roseta, Helena Roseta e Snu Abecassis

serviços de apoio ao plenário, lembra-se de o ver «discursar, isolado, contra aqueles homens ferozes do regime fascista, contra nomes imponentes como Tenreiro, Casal Ribeiro, Veiga de Macedo...», sujeito a interrupções contínuas...». E ele lá continuava, sem uma contracção facial. Em três anos fez 85 intervenções, mas todos os seus projectos eram engavetados.

José Pedro Soares tinha 21 anos quando conheceu Sá Carneiro. O carcereiro conduziu-o à sala de visitas de Caxias, onde o aguardava o deputado. O preso político desabotoou a camisa e exibiu as marcas das sevícias brutais

do portuense exilado em Lisboa que conhece a dinamarquesa desterrada em Portugal. E o episódio é tantas vezes narrado, com contornos mais romanescos do que biográficos. A sua trilogia de formação – Deus, Pátria, Família – fica quebrada no último item. Também no amor, Sá Carneiro joga no tudo ou nada. Por mais embaraços protocolares, por mais insinuações moralistas que lhe chegariam de sectores inesperados (Mário Soares e Maria Barroso), Francisco olha o partido nos olhos e não renuncia a Snu. Isso não lhe trouxe consequências eleitorais, talvez até lhe tenha

gência, quer esgotar cada instante. No dia 4 de Dezembro, começa, logo pela manhã, a trabalhar no seu gabinete de São Bento. Reúne com os chefes de Estado-Maior, com Cavaco Silva e o ministro da Defesa, Amaro da Costa. Este propõe-lhe *boleia* no *Cessna* até ao comício do Porto. Aceita a oferta. Vai almoçar ao Tavares com Soares Carneiro, Freitas do Amaral... Grava um tempo de antena, dá uma conferência de imprensa. A sessão prolonga-se, as perguntas dos jornalistas sucedem-se. Às 19 e 30 apanham a avioneta na Portela. A viagem dura oito segundos. ■